

## Aprendizagem do amor

Affonso Romano de Sant'Anna

A aprendizagem do amor é interminável.

Como muitos, tentei abordar isto em prosa e verso. Há mesmo uma crônica exatamente com este título: “Amor: o interminável aprendizado”. Ali, entre outras coisas, dizia:

*O amor soma desejo e paixão, é arte final.  
Mas o amor às vezes coincide com a paixão, às vezes não.  
Amor às vezes coincide com o desejo, às vezes não.  
Amor às vezes coincide com o casamento, às vezes não.  
E mais complicado ainda: amor às vezes coincide com o amor, às vezes não.*

Transcendendo autorias, ultrapassando gerações e culturas, essa questão permanece.

Até o surgimento de Freud a escrita era inocente. Depois, expulsos do paraíso, tivemos de trabalhar o real e o imaginário com o suor do próprio rosto. E porque não há mais autor inocente, no livro de ensaios *O canibalismo amoroso* (Rocco) tentei examinar o imaginário masculino através dos séculos e de diversas obras. Mostrei como o desejo, o amor e a paixão se confundem e reverberam fantasmas e alucinações pessoais e coletivas diante da imagem feminina.

Separei para este número de *ide* alguns poemas que tratam de aspectos vários do amor, do desejo e da paixão. Guardadas as diferenças entre esses termos e as superposições de sentido que ocorrem, lembro algo pouco conhecido: a raiz da palavra amor é egípcia, e não latina. Também nada tem a ver com o *ama* grego, embora este signifique “juntos”. Os gregos também falam de “eros”, mas a raiz dessa palavra indica “atividade”.

O estudo do vocabulário egípcio traz a raiz MR, MRJ. Parece estranho. Os egípcios não usavam vogal. Mas eles, embora escrevessem assim, na hora de pronunciar, a vogal aparecia. E o fato é que MR se pronunciava “amer”, “amor”. Já que era escrita com hieróglifos, a palavra MR era representada por uma espécie de pá ou cavadeira de camponês abrindo a terra. Há aí

um sentido agrário de fecundação cósmica. Amor, então, era (e é) como um ato de cultivar, semear a terra.

Não parece, portanto, que amor seja um ato aleatório. Uma semente jogada ao acaso pode até brotar. É forte a vontade de vida e fértil o imaginário de cada um. Mas se não for cuidada, perece. Por isto, o ato de amar, mais produtivo e fecundante, implica a ação, o investimento, o semear cavando e movendo a terra. E, para grafar a palavra “amor”, os egípcios usavam seu alfabeto nobre e especial, e não o comum e popular, porque sabiam também que com o amor há que tomar cuidado, na grafia e em semeá-lo.

## Ruptura — “Separação”

Grande parte da literatura amorosa trata da dor causada pela perda da pessoa amada e a conseqüente perda da própria identidade. Aí configura-se a ruptura entre o eu e o mundo. Descreve-se o esgotamento dramático da relação amorosa.

### Separação

*Desmontar a casa  
e o amor. Despregar  
os sentimentos  
das paredes e lençóis.  
Recolher as cortinas  
após a tempestade  
das conversas.*

*O amor não resistiu  
às balas, pragas, flores  
e corpos de intermeio.*

*Empilhar livros, quadros,  
discos e remorsos.  
Esperar o infernal  
juízo final do desamor.*

*Vizinhos se assustam de manhã  
ante os destroços junto à porta:  
– pareciam se amar tanto!*

*Houve um tempo:  
uma casa de campo,  
fotos em Veneza,*

*um tempo em que sorridente  
o amor aglutinava festas e jantares.*

*Amou-se um certo modo de despir-se,  
de pentear-se.  
Amou-se um sorriso e um certo  
modo de botar a mesa. Amou-se  
um certo modo de amar.*

*No entanto, o amor bate em retirada  
com suas roupas amassadas, tropas de insultos  
malas desesperadas, soluções embargados.*

*Faltou amor no amor?  
Gastou-se o amor no amor?  
Fartou-se o amor?*

*No quarto dos filhos  
outra derrota à vista:  
bonecos e brinquedos pendem  
numa colagem de afetos natimortos.*

*O amor ruiu e tem pressa de ir embora  
envergonhado.*

*Erguerá outra casa, o amor?  
Escolherá objetos, morará na praia?  
Viajará na neve e na neblina?*

*Tonto, perplexo, sem rumo  
um corpo sai porta afora  
com pedaços de passado na cabeça  
e um impreciso futuro.  
No peito o coração pesa  
mais que uma mala de chumbo.*

## Harmonia – “O amor, a casa e os objetos”

Já se disse que a felicidade não produz obras de arte. São realmente raras, sobretudo na literatura, as obras que louvam a harmonia amorosa valorizando a continuidade e a paz.

No amor o eu e o mundo se con/fundem.

### O amor, a casa e os objetos

*O amor mantém ligados os objetos.*

*Cada um na sua luz,*

*no seu restrito ou volumoso*

*– modo de ser,*

*O amor, e só o amor, arquiteta*

*paredes duplas, vigas mestras, telhas vãs,*

*condutos e portas, justapondo*

*à luz interna o sol exterior.*

*Quando há amor, os objetos*

*tornam-se suaves. Não há asperezas*

*em suas formas e frases.*

*Como um gato, o corpo*

*passeia entre arestas e não se fere.*

*Nada lhe é hostil.*

*Nada é obstáculo.*

*Nada está perdido*

*no trânsito da casa.*

*É como se o corpo, além de frutas e flores,*

*mesmo parado, criasse asas.*

*Daí uma certa displicência dos objetos*

*na mesa*

*na estante*

*no chão*

*como corpos derramados nos tapetes*

*ou cama,*

*que esta é a forma de estar*

*quando se ama.*

*O que não for isto, não é amor.*

*É ordem exterior às coisas.  
Pois quando amamos, os objetos nos olham  
sem inveja. Antes, secretas glórias afloram de suas formas  
como o corpo aflora os lábios,  
e a poltrona, o pelo de sua fauna, aflora.*

*As casas têm raízes  
quando há amor.  
Até ratos, baratas e cavalos,  
além de plantas e pássaros  
antenam vibrações nos subterrâneos  
da casa de quem ama.*

*O corpo trescala aroma após o banho,  
almíscar flui dos sexos, alfazema  
banha os gestos. Enrolados em suas toalhas  
os corpos como as ondas  
se desmancham em orgasmos no lençol da tarde.*

*Os objetos entendem os homens, quando há amor.  
Vão às festas e guerras, e se acaso  
suicidam caindo das prateleiras  
são capazes de ostentar sua vida  
mesmo numa natureza-morta.*

*O amor não submete, o amor permeia  
cada coisa em seu lugar e, como o Sol,  
passeia iluminando as espirais de ouro e prata  
que decoram nossos corpos.*

*Não há limite entre a casa e o mundo, quando há amor.  
Os amantes invadem tudo a toda hora  
e a paisagem do mundo à paisagem da casa  
se incorpora.*

## **Amor imaginário — “Arte final”**

Grandes artistas que tiveram uma vida amorosa variada e múltipla surgem aos olhos dos leitores como uma espécie de amantes ideais. Não é bem assim. A competência em escrever, pintar, musicar grandes paixões não é simétrica à prática amorosa.

**Arte final**

*Não basta um grande amor  
para fazer poemas.  
E o amor dos artistas, não se enganem,  
não é mais belo  
que o amor da gente.*

*O grande amante é aquele que silente  
se aplica a escrever com o corpo  
o que seu corpo deseja e sente.*

*Uma coisa é a letra,  
e outra o ato,*

*quem toma uma por outra  
confunde e mente.*

**Presença/ausência: a falta — “Intervalo amoroso”**

A falta e as tentativas (estéticas e eróticas) de preenchimento do vazio.

**Intervalo amoroso**

*O que fazer entre um orgasmo e outro,  
Quando se abre um intervalo  
Sem teu corpo?*

*Onde estou, quando não estou  
No teu gozo incluído?  
Sou todo exílio?*

*Que imperfeita forma de ser é essa  
Quando de ti sou apartado?*

*Que neutra forma toco  
quando não toco teus seios, coxas  
e não recolho o sopro da vida de tua boca?*

*Que fazer entre um poema e outro  
olhando a cama, a folha fria?*

O poema, avulso gesto de amor,  
é vão recobrimento de espaços.  
O poema é dúbia forma de enlace,  
substitui o pênis  
pelo lápis  
– e é lapso.

## **Incompletude dos casais — “Antropologia cultural”**

Os amantes sempre se acasalaram e sempre tiveram de lidar com a completude relativa.

Há um casal moderno? O que diferencia o homem da mulher e vice-versa? O casal – uma solução/ problema intemporal.

### **Antropologia sexual**

*Pela Natureza o homem é um ser polígamo.  
(Há exceções. Poucas.)  
Pela Natureza a mulher é ser monógamo.  
(Há exceções. Muitas.)*

*Há quem discorde.  
De qualquer maneira  
a biologia comportamental dá provas.*

*Pela Cultura o homem tenta ser monógamo.  
(Tenta.)  
Pela Cultura a mulher tenta ser polígama.  
(Tenta.)*

*Nisto já se vão muitos mil anos.*

*Convenhamos,  
a passagem da Natureza à Cultura  
e a tentativa de se chegar a um acordo  
têm sido  
um notável esforço do casal.*

## Narciso diante do tempo — “Rugas”

É comum encontrar poemas de amor à pessoa amada quando jovem ou idealizada. O que narciso tem a dizer quando as rugas surgem na (sua) face alheia?

### Rugas

*Estou amando tuas rugas, mulher,  
Algumas vi surgir, outras aprofundei.*

*Olho tuas rugas.  
Compartilho-as, narciso exposto  
no teu rosto.*

*Ponho os óculos  
para melhor ver na tua pele  
as minhas/tuas marcas.*

*Sei que também me lê  
quando nas manhãs percebes  
em minha face o estranho texto  
que restou do sonho.*

*O que gastou, somou.  
Essas rugas são sulcos  
onde aramos a messe do possível amor.*

## Amor na velhice — “Velhice erótica”

Simone de Beauvoir, estudando a velhice, já assinalava que os jovens tendem a achar que os mais velhos são assexuados, que a eroticidade é um privilégio da juventude.

### Velhice erótica

*Estou vivendo a glória de meu sexo  
a dois passos do crepúsculo.*

*Deus não se escandaliza com isto.*



*O júbilo maduro da carne  
me entenece.  
Envelheço, sim. E  
(ocultamente)  
resplandeço.*



- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Amor, o interminável aprendizado. In A. R. de Sant'Anna. *Melhores crônicas de Affonso Romano de Sant'Anna*. São Paulo: Global. REFERÊNCIAS
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Antropologia sexual. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 236). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Arte final. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 1, p. 330). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Intervalo amoroso. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 200). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). O amor, a casa e os objetos. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 67). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Rugas. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 200). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Separação. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 191). Porto Alegre: L&PM.
- Sant'Anna, A. R. de. (2003). Velhice erótica. In A. R. de Sant'Anna. *Poesia reunida* (Vol. 2, p. 235). Porto Alegre: L&PM.

33

---

## AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Rua Nascimento Silva, 7/1504  
22421-001 – Rio de Janeiro – RJ  
tel.: 21 2523-5184  
santanna@novanet.com.br

RECEBIDO 18.04.2011  
ACEITO 04.05.2011